

Arrasto¹

Marcelo Moscheta²

Drag

Instalação realizada com rochas, concreto, asfalto, arenito, areia e paralelepípedo coletados das duas margens do Rio Tietê, madeira, poliestireno, impressão sobre papel, lâmpadas led e desenho em grafite sobre PVC expandido. 270 x 700 x 120 cm . 2015.

Na dinâmica dos fluidos, arrasto é a força que faz resistência ao movimento de um objeto sólido através de um meio fluído, como um líquido. A resistência produzida a partir do atrito do Rio Tietê com suas margens me levou a realizar uma expedição por toda a extensão do Rio Tietê, desde sua nascente em Salesópolis até a foz no Rio Paraná.

De março a agosto foram coletadas rochas, argilas, areias e minerais diversos das duas margens, documentadas e classificadas, assim como uma catalogação do curso fluvial através dos elementos que são encontrados em suas duas bordas. Flertando com a arqueologia, geologia e o ciclo do Bandeirantismo Paulista, criei um armazém de memórias particulares, relatos para um pequeno museu de curiosidades que compartilham cada qual, o seu lado do leito fluído.

A instalação Arrasto que ocupou a sala central da Casa do Bandeirante em setembro de 2015, ainda soma às coletas um grande desenho da queda d'água do Rio Tietê submersa pelas águas da represa de Nova Avanhandava. Dispostas lado a lado em estantes, desenho e rochas criam um diálogo tensionado entre representação e a própria paisagem deslocada para dentro da obra.

1

O projeto Arrasto foi contemplado com a Bolsa Funarte de Estímulo à Produção em Artes Visuais 2014 e conta ainda com uma publicação com distribuição gratuita sobre a expedição do artista ao Rio Tietê com textos de Divino Sobral, Douglas de Freitas e do próprio artista, além de fotos da produção da instalação e relatos de viagem.

2

Marcelo Moscheta é artista contemporâneo, tem mestrado em artes visuais pela UNICAMP e mora em Campinas. Site: www.marcelomosheta.art.br. Email: marcelomosheta@mac.com

Relato da expedição realizada em toda a extensão do Rio Tietê entre março e agosto de 2015.

Salesópolis, 16 de março

Encontro com o Rio Verdadeiro brotando de um pequeno olho d'água no chão, em meio à Serra do Mar. Encontro com ele inúmeras vezes depois, em estradas vicinais que margeiam seu curso, em pontes que cortam seu fluxo, em beiras de matagais, em calçadas de avenidas, ao fundo de condomínios, em praias de areia grossa e balsas de passo lento. Em usinas hidrelétricas e em fotos de cahoeiras que já não existem mais. Em pinturas do século XIX e em placas de beira de estrada. Transformação - acúmulo - vazão - fluxo: Eu como um rio.

Guarulhos, 17 de março

Faço uma visita à Usina Parque, em Salesópolis, onde tenho uma grata surpresa ao subir os inúmeros degraus e constatar a beleza da Serra, tão úmida, cheia de líquens, e a altura da queda d'água, a primeira barragem do Tietê. Depois, no trecho até São Paulo, a natureza fica cada vez mais domesticada, represada e poluída. As hortas de Biritba-Mirim e Mogi das Cruzes lançam seus produtos tóxicos nas águas do rio, que segue seu percurso num banhado que se abre cada vez mais.

Santana do Parnaíba, 18 de março

Revelações da história do rio acontecem no Museu do Parque Ecológico do Tietê. Andar de bicicleta pela margem do Tietê em São Paulo foi surpreendente! Aproveitei e fiz algumas coletas, não muitas, mas o suficiente para se pedalar com alguns quilos a mais nas costas.

Itú, 19 de março

A ideia de se ter o desenho de uma cachoeira que foi destruída por barragens e represas começa a tomar forma - o domínio do homem sobre a natureza, a domesticação do perigo, do "rio inavegável" e os fantasmas que habitam nas profundezas dos lagos represados... fantasmas de um rio imaginário, que corre ao contrário, que mudou de nome e que ainda se revolta com os homens quando de suas enchentes!

Tantas histórias fascinantes como os "Anhangueras", Fernão Dias e inúmeros outros bravos e rudes de outras épocas, servidores da coroa portuguesa que conquistaram o território a duras penas e incontáveis mortes e escravidões.

Continuo a viagem pelo rio podre, que morreu a muito e que agora denuncia o fim do mundo com suas espumas brancas e malditas, fedorentas, cheias de merda e toda espécie de malícia produzida pelo homem. O rio, em sua revolta, nos devolve o descarte nele jogado; nada sai barato. E assim ele segue num cortejo fúnebre, passando por Pirapora do Bom Jesus e Cabreúva, até chegar em Itú, num desfile monótono em que o contraste da beleza das margens verdes e vivas, da memória caipira paulista, da fé, dos romeiros, das primeiras usinas hidrelétricas finge que não vê o doente moribundo, arrastando-se melancólico com suas garrafas plásticas a apontar o sentido da corrente.

Sigo coletando pedras e memórias. Eu, num arrastar-me pelas bordas, a sangrar as margens, a subtrair séculos plasmados nas pedras e a deslizar comigo no fluxo da jusante, o que a própria vida oferece a quem dela se aventura - resistência, vida e morte.

Porto Feliz, 05 de junho

Começo o dia no Parque do Varvito olhando rochas milenares alinhadas e dobradas sobre a superfície do planeta, e passo depois pela Rocha Moutounée, a mais antiga rocha do Brasil. Antes de acontecer um rio, já haviam suas margens.

A poluição continua a desafiar o bom senso em Salto, desaguando espuma fétida ao invés de água viva, sujando o ar com sua presença cândida mas mortal. Mesmo assim, Salto é uma das poucas cidades até agora que não volta as costas ao rio, como se quisesse dele se esquecer. Ao contrário, cria em suas margens um memorial em sua homenagem e à história das Bandeiras e monções que tanto fizeram por estas cidades... Itu, Salto, Porto Feliz e Tietê.

Tietê, 06 de junho

O rio que corre arrasta consigo inúmeras quantidades de material; as margens que "sobram" arrastam para si o rio que tenta passar. Acredito que recolho aqueles pedaços que foram forjados na luta dos elementos e que a venceram. Eles permaneceram como parte do que define o rio, o seu trajeto, o seu limite e a sua borda.

Nas barrancas salitrosas de Porto Feliz, um batelão de 9 metros transpira placidamente numa caixa de vidro longe do rio, o seu propósito de existir. O porto que era feliz hoje não parece nem triste nem ansioso pelas barcas que saem pelo país adentro. Mas, mesmo assim, me emociono com as histórias de coragem e com a lenda da pedra do Curuçá. Afinal de contas, ser barranco é ser apoio, é resistir, é delimitar e domar. E isso é muito nobre. Ser rio, por outro lado, mais do que ser água corrente, é ser um estado de espírito.

Barra Bonita, 07 de junho

No distrito de Laras, encontro com margens que ainda não se alargaram. Depois chego a Anhembi e vejo o rio participando da vida de seus cidadãos de forma saudável, no primeiro balneário do caminho. A frustração da estrada de terra que peguei para encurtar o caminho foi recompensada chegando em Igarapu do Tietê e à vista da barragem de Barra Bonita.

Ibitinga, 08 de junho

Canaviais e balsas participaram do roteiro de hoje; suas presenças marcantes na paisagem são extremos de um aproveitamento pacífico de um rio vivo. O uso consciente e ecológico da água para o transporte e o lazer e a sua importância no agronegócio, que também a polui e destrói. Faces de uma simbiose difícil de resolver, mas com décadas de convívio resignado.

Minhas margens ficam mais arenosas, mais suaves. Todos os saltos que aqui haviam foram inundados pelas barragens e represas. Margens móveis, elásticas, mutantes da paisagem.

Sales, 09 de junho

Um rio gigante em Pongaí me deixa com os olhos marejados. Caudaloso, ele se impõe; majestoso, avança para além da vista. Em Sales, encontro uma cidade tranquila e prazerosa à beira d'água. Penso que todo rio anseia o Oceano, mas nem todos se tornam grandes antes do encontro. Tenho os olhos fartos de tanta água que se arrasta por entre as margens.

Penápolis, 24 de agosto

Pedra, areia e argila abundam nas praias de Sabino e Sales. Moles margens melancólicas. Atravesso talvez a última balsa. 30 minutos numa imensidão de água. Nem parece o mesmo rio que vi sair da terra em Salesópolis... e talvez nem seja mesmo. Margens generosas hoje me deram pedra e areia. Em Adolfo, peguei muitos seixos no atracadouro; embaixo da ponte em Promissão, mais algumas outras tantas. Tudo está seco, árido, ventoso e poeirento. Aqui tudo é um pouco mais pobre e decadente. Às margens da Rodovia Transbrasiliana, uma tempestade de pó sobe dos canaviais e deixa a vista turva, assim como um rio muitos quilômetros atrás.

Araçatuba, 25 de agosto

No museu de Penápolis, gasto minha manhã atrás de imagens do Salto do Avanhandava e da história do próprio Rio Tietê e assim defino a imagem que servirá de base para o desenho. Prainhas são sinais de que o acesso ao rio é garantido. Estar debaixo das pontes e rodovias que cortam o rio é estar no entremeio de horizontes líquidos e alargados.

Araçatuba, 26 de agosto

Tiro o dia para arrumar as fotos, textos, reler os diários e planejar os próximos passos... o fim se aproxima e eu, na expectativa do encontro com a foz.

Pereira Barreto, 27 de agosto

Sob a ponte da SP463, encontro a prainha municipal de Araçatuba, que me oferece boas fotos antes da chuva, algumas coletas e a surpresa de ver o estaleiro a poucos quilômetros adiante! Consigo almoçar em Auriflama e sigo o velho oeste paulista passando por Dallas.

Encontro uma ponte em Cesaria, onde pescadores se apoiam e parecem não pegar nada. Desço ao rio, coleteo e fotografo árvores mortas há tempos, mas ressurgidas com a estiagem. Me incomoda a quantidade de lixo, garrafas plásticas deixadas pelos próprios pescadores que prosseguem numa atitude predatória, emporcalhando o próprio rio que lhes dá a satisfação da pesca.

Tudo é vermelho, barro e argila no solo fértil de Sud Mennucci. A devastação causada pelos imensos canaviais e usinas tinge a vista dos olhos. Terra, argila, poeira, barro e pó. Chão batido centenas de vezes até virar sangue.

Causa espanto para quem vê pela primeira vez o grandioso canal que liga a Represa Três Irmãos no Tietê à represa de Ilha Solteira. Em Pereira Barreto, cisnes e peixes de fibra de vidro olham catatônicos a represa, numa

coisa meio jeca, meio saudosista. A própria cidade é estranha, bizarra nos seus monumentos, sem a personalidade que se vê nas fotos do passado e da Ponte Novo Oriente, símbolo náufrago da glória pretérita daqui. Quanto mais o rio cresce, mais parece engolir tudo à sua volta.

Itapura, 27 de agosto

Chego a Itapura, no final do trajeto. 2055 km rodados ao longo do curso do rio Tietê .

Procurei coletar rochas na maioria das vezes; quando não era possível, trazia areia, argila ou algum outro mineral que estivesse na margem do rio, independente da sua condição endêmica à margem - se estava ali, participava de certa forma da condição de rio. Pedços retentivos, limitadores daquilo que é fluído, que corre, que deságua.

As margens se alargam e retraem conforme o humor das águas. Emociono-me com a dimensão que o rio toma durante o seu curso; de um fino olho d'água no chão, torna-se o mais importante rio dos paulistas, contribui também para o engrandecimento de outros rios e recebe de inúmeros outros a porção de água que o faz grande e imponente. Suas margens foram barradas, represadas e continuam sendo progressivamente saqueadas por todos nós! Lixo e descaso público o condenam a morrer dia após dia, até que tudo se transforme como na capital, com o próprio esgoto sendo chamado de rio.

Ao longo desses meses, aprendi a amar o Tietê, a contar as suas histórias e me admirar com cada gota de vida que via se oferecer a mim generosamente. Do pó das margens aos barrancos de argila vermelha e amarela, sou minério e água, sedimento e barro. E assim finalizo a última coleta nas margens do Tietê, tendo a jocosa caixa d'água em meio ao próprio rio, como se pudesse me advertir que todo esforço será inútil e que é preciso mais do que uma vida inteira para se contar a história de um rio, pois ele nunca é um só, e nunca será sempre o mesmo, assim como todos nós.

Total de "margens" coletadas: 89 do lado direito e 83 do lado esquerdo.

Viagem realizada em 3 partes, de março a agosto de 2015, cobrindo um total de 2.055 km acompanhando toda a extensão do rio Tietê, de Salesópolis a Itapura.



Figura 1 :: Vista da Instalação da obra Arrasto na Casa do Bandeirante, São Paulo, set 2015.



Figura 2 :: Detalhe do desenho da obra Arrasto.

Arrasto
Marcelo Moscheta



Figura 3 :: Coletas margem esquerda do Rio Tietê.

Arrasto
Marcelo Moscheta



Figura 4 :: Detalhe da montagem da obra Arrasto.



Figura 5 :: Detalhe da montagem da obra Arrasto.

Arrasto
Marcelo Moscheta



Figura 6 :: Detalhe da montagem da obra Arrasto.



Figura 7 :: Detalhe da montagem da obra Arrasto.



Figura 8 :: Rocha coletada às margens do Rio Tietê para a obra Arrasto.



Figura 9 :: Rio Tietê em Biritiba Mirim.



Figura 10 :: Rio Tietê em Biritiba Mirim.



Figura 11 :: Primeiras margens coletadas.



Figura 12 :: Remeiro, do escultor Murilo de Sá Toledo, no antigo Porto do Góes, atual Parque Rocha Moutonée, em Salto.



Figura 13 :: Barrancas Salitrosas em Porto Feliz.

Arrasto
Marcelo Moscheta

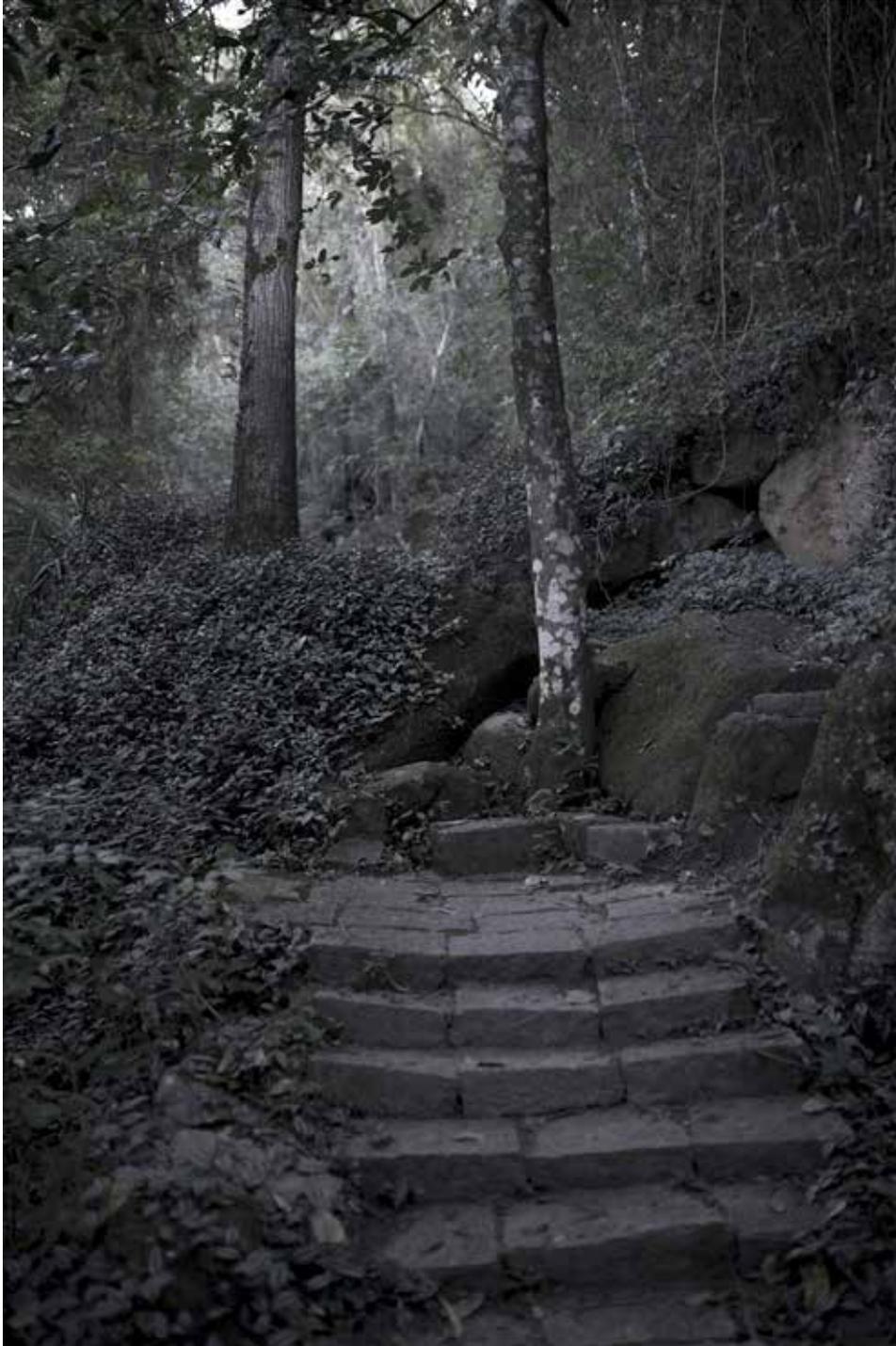


Figura 14 :: Margens do Rio Tietê em Salto.



Figura 15 :: Margens em Cesária.



Figura 16 :: Balsa em Sales.



Figura 17 :: Rio Tietê em Pongáí.



Figura 18 :: Salto do Avanhandava, 1937. Autor Desconhecido. Coleção Museu Histórico e Pedagógico de Penápolis.



Figura 19 :: Represa de Avanhandava, década de 1980. Autor Desconhecido.
Coleção SEPSA.



Figura 20 :: Margens em Cesária.



Figura 21 :: Margens em Buritama.



Figura 22 :: Caixa d'água em Itapura.